

Segunda-Feira, 15 de Junho de 2026

Combate à hanseníase

ADRIANA COSTA

Adriana Costa

O dia 25 de janeiro marca o Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase, data que integra o Janeiro Roxo, campanha dedicada à conscientização, ao diagnóstico precoce e ao enfrentamento do estigma ainda associado à doença. Apesar dos avanços no tratamento, a hanseníase continua sendo um importante desafio de saúde pública no Brasil, especialmente quando o diagnóstico ocorre de forma tardia.

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica que acomete principalmente a pele e os nervos periféricos. Em muitos casos, os primeiros sinais são discretos e podem passar despercebidos: dormência, formigamento, perda de sensibilidade, diminuição da força muscular ou sensação de choque nos membros. Essas manifestações iniciais, quando não reconhecidas a tempo, podem evoluir para sequelas permanentes.

Nesse contexto, a ultrassonografia tem se consolidado como uma importante ferramenta complementar no diagnóstico e no acompanhamento da hanseníase. Trata-se de um exame seguro, acessível e não invasivo, que utiliza ondas sonoras para gerar imagens detalhadas das estruturas do corpo, sem o uso de radiação.

No caso da hanseníase, o ultrassom permite avaliar os nervos periféricos de forma direta, identificando alterações como espessamento, inflamação e mudanças na arquitetura interna dos nervos. Essas alterações podem ser detectadas mesmo quando ainda não há sinais clínicos evidentes, contribuindo para o diagnóstico mais precoce da doença.

Além de auxiliar na identificação do comprometimento neural, a ultrassonografia também é útil para diferenciar a hanseníase de outras condições que causam sintomas semelhantes, como neuropatias associadas ao diabetes, doenças inflamatórias ou compressões nervosas. Essa diferenciação é fundamental para garantir o tratamento adequado e evitar atrasos no cuidado.

Outro aspecto relevante é o papel do ultrassom no acompanhamento dos pacientes já diagnosticados. O exame pode ser utilizado para monitorar a resposta ao tratamento, identificar episódios de reação hansênica e avaliar a evolução das alterações nos nervos ao longo do tempo. Com isso, contribui para decisões clínicas mais seguras e individualizadas, reduzindo o risco de incapacidades físicas e funcionais.

É importante destacar que a ultrassonografia não substitui a avaliação clínica nem os critérios diagnósticos tradicionais da hanseníase, mas agrega informações valiosas ao cuidado integral do paciente. A integração entre exame clínico, exames laboratoriais e métodos de imagem fortalece o diagnóstico e melhora o acompanhamento da doença.

Durante o Janeiro Roxo e, especialmente, no Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase, reforçar a importância do diagnóstico precoce é essencial. O acesso à informação, à tecnologia e a profissionais capacitados faz toda a diferença para interromper a transmissão, iniciar o tratamento no momento adequado e

preservar a qualidade de vida das pessoas afetadas. Combater a hanseníase é um compromisso coletivo, que passa pelo conhecimento, pelo cuidado e pela superação do preconceito.

Dra. Adriana Costa é *médica radiologista, especialista em radiologia pediátrica.*